



CORPO E SUBJETIVAÇÃO: UM OLHAR SOBRE MULHERES PRATICANTES DE BODYBUILDING*

Amanda Mello Andrade Araújo,
Jaison José Bassani

RESUMO

O estudo tratou de investigar a relação entre a modificação corporal e o processo de construção identitária em mulheres praticantes de bodybuilding na cidade de Brasília/DF. Para isso foram entrevistadas sete mulheres que aderem ao treinamento intenso de musculação e dieta alimentar restrita, sendo seis delas atletas e apenas uma não atleta. Os resultados, apresentados e discutidos sob a forma de categorias articuladoras, revelam: 1) os modos como as entrevistadas operam com as severas restrições (alimentares e de treinamentos musculares) a que estão submetidas em busca do corpo almejado; 2) que há semelhanças e diferenças entre fisiculturistas (atletas) e veterana (não atleta) no que diz respeito à constituição de suas identidades.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; bodybuilding; identidade feminina.

INTRODUÇÃO

As preocupações com o corpo, embora também estivessem presentes em outras épocas, ganharam tamanha centralidade no contemporâneo de modo que não seria exagero dizer que a ele fora atribuída importância semelhante a que outrora pertencia à alma. Essa afirmação pode ser interpretada tanto em relação ao interesse das mais diferentes áreas do conhecimento pelo somático quanto pela dimensão que os cuidados com o corpo e as (quase) infinitas possibilidades de modificá-lo adquiriram na sociedade atual. Na esteira dessa lógica, vemos cada vez mais a disseminação de discursos, científicos ou midiáticos, sobre como gerenciá-lo, além do amplo alcance que produtos e espaços destinados ao culto do corpo também ganharam atualmente. Entre esses espaços, incluem-se as academias de ginástica e musculação, bastante presentes nos centros urbanos. Esses ambientes de educação do corpo, devido à dimensão que ganharam, instituem e reforçam um modelo específico de construção das subjetividades de homens e mulheres (HANSEN; VAZ, 2004).

Embora integrados nesse contexto estejam os praticantes de *bodybuilding*,¹ eles se destacam dentro da lógica das academias. O *bodybuilding* é uma prática de modificação

* O presente trabalho, que está integrado ao projeto de pesquisa *Teoria Crítica, Racionalidades e Educação III* - processo nº 476149/2012-6, contou com auxílio financeiro do CNPq no formato de bolsa de iniciação científica.

¹ Embora possa ser comumente traduzido como fisiculturismo, optaremos por manter o termo *bodybuilding* com o intuito de extrair o sentido literal da tradução da palavra: construção do corpo.

corporal que visa máxima hipertrofia muscular obtida por meio de intenso treinamento muscular e controle da dieta. É comum que os praticantes dessa modalidade, para alcançarem a estética corporal almejada, rompam as barreiras daquilo que, histórica e culturalmente, consideramos como “saudável” e do modelo de corpo socialmente aceito. Longe de se firmar exclusivamente como domínio masculino, essa prática vem crescendo também entre as mulheres, embora, no caso delas, não esteja isenta de temores e resistências (JAEGER, 2009), sobretudo porque as mulheres, ao aderirem ao treinamento intenso de musculação, infringem as normatividades sociais que ditam um modo específico de ser e parecer feminina.

As modificações corporais, em geral, e o *bodybuilding*, em específico, além de serem lidas como expressão do culto ao corpo contemporâneo, parecem se constituir também como uma significativa expressão de uma nova dinâmica identitária que não mais representa aquela vigorou no auge da modernidade e que tinha forte caráter internalista (COSTA, 2004; ORTEGA, 2012). Se antes a identidade do sujeito estabelecia uma relação com as instâncias do trabalho, da política, da ética e da religião, por exemplo, atualmente a ênfase na gerência do corpo e toda a teia de intervenções que sobre ele incide, parece admitir um modelo de construção de um “sujeito [essencialmente] corporificado” (ORTEGA, 2012, p. 42).

Sendo assim, nos perguntamos se, no caso de indivíduos que buscam se aproximar de um modelo específico de corpo, esse interesse não representaria o escopo de uma subjetividade somatizada, de maneira que as formas da carne e suas marcas se constituiriam como os principais descritores de si, o que caracterizaria a ressignificação ou mesmo negação do modelo internalista de construção das identidades individuais (mas também coletivas) (ORTEGA, 2003). Ao nos voltarmos para mulheres praticantes de *bodybuilding*, interrogamo-nos sobre os processos identitários que estão em jogo quando elas, ao aparentemente abdicarem de elementos de uma feminilidade normalizada, buscariam, talvez, outra subjetividade que se evidenciaria fundamentalmente na aparência, embora não mais naqueles atributos considerados hegemonicamente como tipicamente femininos, mas na forma e no volume dos músculos. Nesse sentido, a questão-orientadora para esta investigação é a seguinte: qual a relação entre práticas de modificação corporal e processos de subjetivação em mulheres praticantes de *bodybuilding*? O desdobramento dessa pergunta nos conduziu ao objetivo de investigar a relação entre a prática de modificação corporal e processos de construção identitária em mulheres praticantes de *bodybuilding* da cidade de Brasília/DF.

Embora as discussões que prevalecem em torno da temática deste estudo parecem se concentrar sobre os questionamentos e desestabilizações acerca do lugar da feminilidade no processo de construção e manutenção do corpo da *bodybuilder*, é preciso lembrar que também

esta dimensão de investigação não se dá distante de um contexto em que novas formas de sociabilidade, preceitos éticos e identidades se esquematizam tendo o corpo como lócus privilegiado desse processo. Compreendemos, nesse sentido, que frequentadores de academias de musculação, especialmente mulheres praticantes de *bodybuilding*, podem fornecer indicativos importantes de como se reorganizam os elementos supracitados, uma vez que parecem condensar também as vicissitudes de um processo mais amplo, presente de diferentes maneiras e intensidades em diversos tempos e espaços sociais no contemporâneo, e que poderíamos chamar, apoiados em Bassani e Vaz (2003), de *pedagogia do corpo*.

Para tanto, foram realizadas sete entrevistas semi-estruturadas com mulheres entre 21 e 44 anos que praticavam *bodybuilding* há pelo menos dois anos na cidade de Brasília (DF). Elaboramos um roteiro orientador, contendo questões sobre dados biográficos, tempo de prática de musculação e estrutura do treinamento corporal, cuidados com alimentação, saúde e embelezamento, percepções e avaliações sobre a prática do *bodybuilding*, representações sobre o corpo e a identidade feminina, entre outros aspectos. Todas as entrevistas foram gravadas (áudio) e posteriormente transcritas para análise.

Na sequência, apresentaremos algumas considerações sobre o contexto geral da coleta de dados, além de informações sobre as entrevistadas, seguida de uma breve descrição de cada uma delas. Para fins de organização e apresentação dos resultados, elegemos duas categorias articuladoras, a saber: *Domínio de si*, na qual discutimos a respeito da maneira com as entrevistadas operam com as severas restrições (alimentares e de treinamentos musculares) a que estão submetidas em busca do corpo almejado; e *Fisiculturistas versus veterana*, em que apontamos as semelhanças e diferenças entre ambos os tipos no que diz respeito à constituição de suas identidades.

SOBRE AS ENTREVISTADAS

Seis das entrevistadas moram no Distrito Federal e apenas uma, que estava na cidade, era do Mato Grosso do Sul. Todas as participantes, se não estavam cursando, haviam concluído o curso superior. Apenas três áreas de atuação/formação profissional apareceram em seus depoimentos: engenharia (1), direito (3) e educação física (3). Das sete entrevistadas, apenas uma não era atleta. Devido a isso, faremos uso da nomenclatura que Sabino (2004) propõe para diferenciar competidoras (fisiculturistas), das não-competidoras (veteranas). Para preservar a identidade das participantes, os nomes aqui utilizados são fictícios. A seguir uma breve descrição de cada entrevistada.

- Joana, 29 anos é formada em Engenharia Civil. Pratica *bodybuilding* há dois anos e participou de três campeonatos de fisiculturismo em Brasília, na categoria *BodyFitness*.

- Fernanda, 21 anos é estudante de Direito. Embora praticante de musculação há 8 anos, decidiu aderir ao *bodybuilding* acerca de um ano e meio. Fernanda é a única não atleta entrevistada neste estudo.

- Marcela, 24 anos é estudante de Educação Física. Competidora de fisiculturismo na categoria *BodyFitness* desde 2010, decidiu competir após assistir a um campeonato da modalidade em sua cidade.

- Luana, 44 anos é advogada e presidente da Federação Brasiliense de Fisiculturismo. Competiu por 10 anos na modalidade, se consagrando tetra-campeã brasileira na categoria *Culturismo* e bi-campeã sul-americana na categoria de duplas. Luana afirma ser da “fase antiga” do fisiculturismo.

- Ângela, 28 anos é formada em Educação Física, além de trabalhar como tatuadora, maquiadora e modelo. Ângela iniciou no esporte em 2010 na categoria *Miss Bikini*. Embora no último campeonato (agosto de 2012) tenha participado na categoria *Bodyfitness*, ficando em segundo lugar, pretende “subir de categoria” ano que vem e competir na categoria *Culturismo*.

- Camila, 38 anos, mora no estado do Mato Grosso do Sul. No período da coleta de dados estava na cidade para apresentar-se como atleta homenageada no V Campeonato Brasiliense de Fisiculturismo. Camila é *personal trainer* e compete na categoria *Culturismo*. Sua maior aspiração é participar do mais importante campeonato da modalidade: Mister Olympia.

- Gabriela tem 30 anos e é estudante de Direito. Quando entrevistada (agosto de 2012), Gabriela estava em vias de participar de sua primeira competição, na categoria *Miss Bikini*. Conheceu e se interessou pelo esporte através de Luana, sua chefe.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

DOMÍNIO DE SI

Se já se fala a respeito de um *ethos* forjado dentro das academias de ginástica e musculação que tem forte imbricação com todo um conjunto de técnicas que promovem uma certa *incorporação da performance* (HANSEN;VAZ, 2004), quando se trata das praticantes de *bodybuiding* isso parece se manifestar de maneira ainda mais evidente. O treinamento de hipertrofia ganha não só maior intensidade, como também maior frequência e especificidade. Embora a fragmentação do trabalho muscular seja uma característica central da prática de

musculação para qualquer adepto, no caso das praticantes de *bodybuilding* ela apresenta certas peculiaridades. Faz-se necessário atender antes de tudo às demandas “genéticas”. A busca da perfeita harmonia e simetria da musculatura faz com que o treinamento priorize excessivamente algumas partes que, como elas dizem, “a genética não favoreceu”, em detrimento de outras em que o ganho muscular parece ser “mais fácil”. Uma das entrevistadas, por exemplo, chega a relatar que não faz treino de coxa há um ano e que mesmo assim seu quadríceps apresenta uma dimensão excessiva, que não lhe agrada.

Se esse aspecto aparece como pontual no conjunto dos relatos, a necessidade de “aprimoramento” da musculatura – portanto, do corpo – é prevalecente, além de se configurar como um estado permanente, o qual só parece ser justificado quando se admite o próprio corpo como um objeto passível de modulação e modificação (VAZ, 1999), mas que, como visto, pode encontrar nos genes uma barreira ou o limite para o seu aperfeiçoamento. No caso das competidoras, a harmonia e simetria muscular adquirem um sentido que não leva em consideração estritamente a *divisão sexual do trabalho muscular* (SABINO, 2000 apud HANSE; VAZ, 2004), segundo a qual homens priorizariam o treinamento dos membros superiores enquanto as mulheres se preocupariam quase que exclusivamente com glúteos e pernas. Respeitando as diferenças entre os distintos níveis e categorias, no naípe feminino da modalidade de *bodybuilding* a atenção deve ser dada, até certo ponto, aos grupos musculares tradicionalmente associados aos homens. Joana, por exemplo, diz dar destaque aos deltóides em seu treinamento. Segundo ela, um “porte de ombros largos” é sempre enaltecido nas competições.

O objetivo em ter o corpo perfeito, especialmente para as competições, mas também para outras finalidades sociais, faz com que, entre as mulheres pesquisadas, não só o momento da “malhação” seja destinado ao alcance desse fim. A construção do corpo toma centralidade tal que a organização da vida das praticantes precisa estar em consonância com aqueles objetivos. A dieta, por exemplo, se constitui como uma parte relevante de um modo de ser de uma *bodybuilder*. Na esteira do que escreve Sabino (2004), os planos alimentares são construídos sob influência dos discursos médicos-científicos, fazendo com que a solicitação de especialistas se torne imprescindível. As orientações desses conselheiros, como mostrado no relato abaixo, tomam ares de verdade quase inquestionáveis:

“Se a pessoa[nutricionista] me mandar ficar de cabeça para baixo, eu vou ficar. Se ela falar: ‘oh esse mês você vai passar fome’, eu vou passar”
(Fernanda, 21 anos).

O peso desses discursos faz com que, não raro, “o nome do alimento seja apagado ou secundarizado em função do seu potencial nutricional” (JAEGER, 2008, p. 154). Os alimentos passam a ser compreendidos segundo seu valor nutricional, o que nos permite dizer, a partir dos relatos, que o sabor da comida parece sucumbir em nome da necessária reposição dos nutrientes. Esse processo de racionalização da dieta está atrelado também ao consumo frequente de suplementos alimentares.² Eles se apresentam como item compulsório para a construção do corpo entre todas as entrevistadas. Seu uso é frequente em atletas de elite em várias modalidades esportivas e é considerada como aspecto indispensável para o aumento da performance. No entanto, seu uso é comum também entre frequentadores de academia e, claro, praticantes de *bodybuilding* que objetivam alcançar certa performance estética do corpo. Tais produtos são geralmente produzidos na forma de pó ou cápsulas, o que os aproxima de um aspecto de “alimentos-remédios” (SABINO, 2004, p. 233).

Chamamos a atenção para esses aspectos acerca da dieta das entrevistadas, sobretudo porque eles envolvem também certa subversão dos rituais tradicionais vinculados às práticas alimentares. O ato de alimentar-se, se pensado como um gesto que envolve costumes, crenças e nível econômico de uma dada cultura, apresenta uma forte dimensão simbólica e de significado. Não que haja anulação desses fatores no caso das entrevistadas. Para elas, alimentar-se adquire um único sentido, o de manutenção das estruturas físicas do corpo. Isso apresenta, inclusive, consequências no âmbito social da vida de algumas delas:

“Quando tem um grupinho de pessoas, geralmente, saem para comer alguma coisa: é restaurante, cinema, pipoca, sorvete. Eu não posso essas coisas porque eu faço fisiculturismo, então fica meio complicado para eu ter esse convívio.”. (Camila, 38 anos).

Outro aspecto que é importante destacar no que diz respeito à dieta, é que elas admitem não ser fácil manterem-se “na linha”. Há uma necessidade extrema em exercitar um autocontrole sobre as tentações que a comida pode suscitar:

“É muito difícil [seguir o plano alimentar], a falta do carboidrato, né. É o que dá energia. Então, assim, você olha para um doce, o olho brilha, você olha para qualquer coisa que você nem gosta, você quer comer, porque você sente falta”. (Ângela, 28 anos).

Porém, se esse autocontrole sobre a comida se faz necessário para chegar ao corpo almejado, ele parece correr no limite, de maneira que, não raro, acontecem momentos de rendição às sensações do paladar. É o que podemos ver no relato de Fernanda:

² Segundo Carvalho e Orsano (2007), os suplementos podem ser definidos como produtos feitos a base de vitaminas, minerais, ervas, extratos de tecidos, proteínas e aminoácidos.

“Chega um ponto que você desespera e fala “não aguento mais, eu preciso de um chocolate”, “não aguento mais comer frango”. [...] Tem dias que eu falo; “meu Deus do céu, não consigo me segurar”. [...] Eu furo às vezes mesmo não podendo, mas por estado de não conseguir segurar mais. Tipo: ‘eu estou no meu limite’.” (Fernanda, 21 anos).

Se, como havíamos dito, as praticantes parecem de alguma maneira tentar resistir aos rituais que envolvem a alimentação para não comprometerem seus objetivos estéticos, em contrapartida, justamente por não conseguirem permanecer nesse estado por um período prolongado, acabam criando seus próprios “rituais de inversão” (SABINO, 2004, p.95), momentos em que lhes é permitido o consumo de alimentos considerados tabus em suas dietas. O melhor exemplo disso é o chamado “dia do lixo”, mencionado por algumas entrevistadas. Trata-se de um dia – em um período de uma ou duas semanas – que está liberado o consumo desses alimentos até então não permitidos. No caso das fisiculturistas, este dia costuma ser adiado para ocasiões imediatamente após os campeonatos.³ Ao que tudo indica, nem mesmo os rituais de inversão podem ser considerados de fato uma expressão da “perda do controle”. A demarcação prévia de seus momentos nos revela o próprio excesso da regulação sobre si.

A partir do exposto, não seria possível dizer que tanto o autocontrole necessário para a sustentação das restrições dietéticas, como a forma particular de domínio sobre corpo expresso por meio dos frequentes e intensos treinamentos ao qual essas mulheres se submetem, talvez pudessem se configurar como elementos que correspondessem a uma conduta ascética que objetiva inscrever no próprio corpo, e simultaneamente por meio dele, o caminho mais seguro, talvez o único, para a afirmação de si. Em outras palavras, é provável que a forma de conduzir e operar com o corpo, no caso dessas mulheres, evidencie o percurso de construção identitária deslocada para a exterioridade, para a própria fisicalidade, na medida em que o cuidado com o corpo deixa de ser um meio para converter-se no próprio fim.

FISICULTURISTAS VERSUS VETERANA

Embora tenhamos visto algumas semelhanças entre as entrevistadas fisiculturistas (atletas competidoras) e a veterana (amadora) na maneira com que tratam e gerenciam seus corpos, é possível perceber também algumas importantes diferenciações, principalmente no que diz respeito ao sentido que atribuem ao *bodybuilding*, como veremos adiante. Poder-se-ia achar que a diferença entre elas estaria unicamente no volume da musculatura: em que

³ Ao final do V Campeonato Brasiliense de Fisiculturismo, algumas competidoras que por mim foram entrevistadas postaram fotos e comentários em seus perfis na rede social *Facebook* a respeito das “orgias” alimentícias pós campeonato. Um desses comentários me chamou a atenção: “Em coma de tanto comer!”

fisiculturistas seriam visivelmente “maiores” que a veterana.⁴ Recentemente, as competições de fisiculturismo tanto no exterior quanto aqui no Brasil incluíram em seus regulamentos categorias que prezam por uma estética corporal na qual se prioriza menos o volume muscular que a *evidência* da musculatura.⁵ O que queremos mostrar aqui, apesar do limites de nossos dados, uma vez que entre as entrevistadas há apenas uma veterana, é que parece haver diferenças entre fisiculturistas e veteranas em alguns aspectos que estão para além do tamanho do corpo somente, e que podem dar indicativos de modos de ser distintos.

O primeiro desses aspectos diz respeito à maneira com que ambos os tipos compreendem o espaço da academia. A academia de musculação, para Fernanda (veterana), aparece como um local onde o encontro com outras pessoas que partilham dos mesmos hábitos e objetivos parece ter sido um dos grandes motivos que fez com que passasse a dedicar-se ainda mais às mudanças em seu corpo. Trata-se, portanto, de um espaço destinado ao exercício de suas relações sociais, além de se constituir como local onde encontra certa satisfação, decorrente talvez de um sentimento de pertencimento ou de ter descoberto sua “tribo”. Essa maneira de viver e sentir a academia, como espaço de identificação com outras pessoas que possuem “os mesmos objetivos”, e segundo a interpretação de Maffesoli (1998), poderia ser vinculado a um movimento contemporâneo denominado “tribalismo”: a constituição de uma nova forma de “socialidade”. As relações de socialidade atuais, diz ele, parecem diferir substancialmente das que por muito tempo marcaram a modernidade. Em tempos de relativo silêncio das instâncias que ditavam a vida naquela época (como, por exemplo, a igreja e o trabalho), o contato com outros e a restauração de interesses pertencentes ao domínio da vida cotidiana parecem ter se tornado veículos condutores das novas comunidades e agregações. A investidura sobre a aparência e sobre o corpo, enquanto aspecto integrante daqueles interesses, operaria, na interpretação desse autor, como uma também importante “força relacional” (MAFFESOLI, 1996, p. 151), cujos interesses esgotam-se ali, no que seria a própria relação com os outros. Fernanda, ao falar do encontro com seus “semelhantes”, parece trazer para o nível da socialidade aquilo que seria a marca de sua identidade pessoal: as transformações do corpo.

Observa-se ainda que seu interesse em aderir ao treinamento intenso de musculação tem clara relação com a tentativa de aproximar-se aos padrões estéticos veiculados pela

⁴ Diferentemente de como Sabino (2004) descreve as fisiculturistas, como mulheres que chamam muita atenção nas academias pelo corpo musculoso que se assemelha, em grande medida, ao corpo masculino idealizado, no caso de nossas entrevistadas parece haver outros elementos.

⁵ Segundo Jaeger e Goelner (2011), quando os músculos exagerados das competidoras deixaram de render lucros às entidades que gestam o esporte, como a IFBB (*International Federation of Bodybuilding*), novas regras foram formuladas, fazendo com que fossem criadas categorias que limitassem o volume muscular feminino.

mídia.⁶ E nesse caso, modificar o corpo somente não basta. Outros elementos tais como as roupas e adereços que estão na moda entram em cena e são mobilizados para constituir sua aparência. Se seguirmos ainda a interpretação de Maffesoli (1996), não se trata de sucumbir a tais modelos, mas de estabelecer uma identificação com eles, ou seja, com a *forma* corporal e com a aparência que se imagina. Uma identificação que desembocaria mais uma vez no estreitamento do laço com os que compartilham desse mesmo imaginário, no caso de Fernanda, seus companheiros de academia.

Por outro lado, quando tratamos especificamente das fisiculturistas (competidoras), no que diz respeito à academia, outras características parecem estar em jogo. As questões relativas à socialidade perdem espaço em função da construção de uma certa “competência esportiva” (WACQUANT, 2002, p.32). A musculação parece adquirir *status* de treinamento quase “profissional”, como de qualquer outra modalidade esportiva de alto nível em que concentração e seriedade são essenciais para o bom desempenho. Embora Marcela tenha apontado alguns benefícios relativos à estrutura da academia em que treina, diferentemente de Fernanda, Marcela não parece ver esse ambiente como um espaço destinado ao fortalecimento de suas relações sociais. Marcela diz que sempre procura freqüenta-lo nos momentos em que há pouco fluxo de pessoas. Só assim, diz ela, não há interrupções, nem comprometimento do treinamento.

Outra característica que percebemos conformar certa identidade ao tipo fisiculturista, seria o cuidado na exposição do próprio corpo, o qual parece se aproximar do Wacquant (2002, p.74) vai chamar, em seu estudo sobre boxeadores, de “regra implícita” que algumas fisiculturistas compartilham. No relato de Luana podemos claramente notar essa preocupação com a exposição dos corpos das atletas:

“Eu vejo muitas pessoas utilizando de maneira ruim o esporte. [...] Porque como é um esporte que apresenta muito o corpo e o objetivo é aquela perfeição, tem muita gente que utiliza isso de maneira ruim, utilizando em fotos, até usando o lado erótico na coisa toda. [...] Eu vejo várias competidoras em sites, fazendo webcam, fazendo fotos e vídeos, devido ao corpo para ter dinheiro.” (Luana, 44 anos).

O exibicionismo dos corpos, para além dos palcos de competições de fisiculturismo, não é, entretanto, algo recente. Segundo Jaeger (2008), Eugene Sandow – considerado um dos precursores do *bodybuilding* – teria percebido que sua forma poderia ser um meio importante

⁶ Fernanda na entrevista diz que sua opção por aderir ao treinamento intenso de musculação deu-se na medida em que seu “gosto” pelo modelo de corpo foi mudando. Disse que antes queria ser magra, depois se interessou por desenvolver apenas os músculos das pernas e glúteo e por último, se interessou por ter todo o corpo modelado.

não só para a promoção das competições de *bodybuilding* que organizava, como também para sua autopromoção⁷ e ampliação de seus negócios no início do século XX. Os corpos femininos musculosos começaram a ser fotografados mais tardiamente, somente no final do século XX e início do XXI. As circulações de suas imagens por um tempo estiveram ligadas estritamente à modalidade esportiva do fisiculturismo, por meio de revistas esportivas da época.

Embora a preservação da imagem do corpo presente tanto no discurso de Luana como também no de Marcela⁸ seja uma tentativa de demarcação do que seria uma identidade de atleta dessa modalidade, essa parece ser uma característica que não é predominante entre as atletas e que tem lá suas contradições. Se pensarmos que a musculação competitiva vem ganhando cada vez mais adeptos nos últimos anos,⁹ poderíamos atribuir esse aumento de demanda a uma maior visibilidade que os corpos vêm ganhando fora dos palcos de competições. Atualmente, vemos com certa frequência corpos de mulheres musculosas em exposição nos programas de TV, festividades culturais,¹⁰ concursos de beleza etc. Uma das depoentes dessa pesquisa, Ângela, pode, em parte, ilustrar essa situação. Ângela se divide entre as competições de fisiculturismo e concursos de beleza, trabalhos como modelo fotográfica, além de ter participado recentemente de um programa de televisão de *reality-show*.

Outro aspecto que julgamos interessante diz respeito à atuação profissional de três atletas em particular: Marcela, Ângela e Camila. As três, com formação superior completa ou em andamento em Educação Física, apontam benefícios da prática que ecoam em seus campos de trabalho. Já formadas, Ângela e Camila afirmam que, desde que começaram a participar de competições, o número de alunos de *personal trainer* que atendem aumentou significativamente. Marcela, que na época da coleta estava em vias de terminar sua graduação em Educação Física, também já projetava essa possibilidade de ascensão profissional que a prática da musculação competitiva poderia lhe proporcionar. O *personal trainer*, ou como

⁷ Segundo a autora, a imagem de seu corpo chegou a estampar embalagens de chocolate e cigarros, além de ter ilustrados livros e revistas de treinamento muscular da época.

⁸ Marcela se manifestou em seu perfil da rede social *Facebook* quando uma de suas amigas – também fisiculturista – falou com tons de indignação sobre os convites que vem recebendo de fotógrafos para “posar com pouca roupa segurando anilhas”. Marcela e sua amiga dizem que o reconhecimento que objetivam ter é pela “dedicação” e “disciplina” ao esporte.

⁹ Aqui falamos do esporte em Brasília. O teatro nacional da cidade foi insuficiente para o número de expectadores no último campeonato de fisiculturismo ocorrido na cidade (agosto de 2012). Segundo informações repassadas por Luana, presidente da federação brasiliense, a cada edição aumenta também o número de atletas em todas as categorias.

¹⁰ Aqui, me refiro basicamente aos desfiles de carnavais, muitos deles televisionados, nas principais cidades brasileiras.

Malysse (2002, p. 99) coloca, “o mentor da corpolatria”, é um dos especialistas legalmente qualificados – e certamente, o que goza de maior prestígio social – para dar orientações no campo da musculação. O que podemos notar aqui é que, mesmo a construção do que seria uma identidade profissional, parece acontecer no plano da aparência, ou, por outro, pela incorporação daquela. A competência profissional parece ser vista e comparada à competência esportiva, embora no âmbito da musculação não se leve tanto em consideração os resultados competitivos propriamente ditos. O que está em jogo, de forma mais decisiva, é a aptidão em fazer de seu corpo um modelo estético a ser alcançado. A respeito disso, Ângela relata que “se eu consigo fazer comigo, por que não conseguirei fazer com os outros”?

Se pudéssemos tecer algum argumento que promovesse certa unidade aos diferentes sentidos atribuídos ao corpo musculoso entre as entrevistadas, eles estariam relacionados à “eficácia da aparência” (MAFFESOLI, 1996, p.168). Se por muito tempo a composição da aparência esteve ligada ao que já fora considerado frívolo ou superficial – mas que ainda assim nunca chegou a ser abandonada por completo –, como podemos ver atualmente, ela tem sido um importante – e porque não o mais importante? – descritor de si. Nas situações apresentadas anteriormente, apesar das diferenças entre competidoras e amadora, o que vemos é uma dependência do somático, ainda que para fins distintos e também com distintos padrões de conduta.

UMA NOTA FINAL

Dedicamo-nos neste estudo a investigar a relação entre modificação corporal e construção identitária de mulheres praticantes de *bodybuilding*. Ainda que quiséssemos dar conta da complexidade e totalidade do fenômeno, embora não tenha sido esta a pretensão do estudo, muitas questões acerca da prática do *bodybuilding* por mulheres ainda estão por ser levantadas.

É provável que a subversão da normatividade de um modo de ser feminina ou mesmo daquilo que representaria uma única dimensão de identidade feminina, possa ser um foco investigativo importante para compreensão desse fenômeno. Por outro lado, as discussões acerca da transgressão e dos desvios daquilo considerado normativo, que vale destacar, passou a ser compreendido como nova forma de vida (ORTEGA, 2012), encontram no corpo o seu denominador comum. Em outras palavras, a opção dessas mulheres por transgredir o modelo de corpo socialmente entendido como aquele que representa o feminino, não tarda em reincidir na mesma lógica identitária de outros sujeitos em que a constituição de si se desloca para o externo, para a aparência.

É por isso que as questões discutidas acerca do autocontrole, da disciplina, do treinamento e da alimentação restrita ganham lugar de destaque nesse processo. Bem como, o próprio sentido que as praticantes de *bodybuilding* atribuem à imagem do corpo que conseguem construir, seja para comprovar um *ethos* esportivo, para contribuir na ascensão profissional, seja para fins de socialização.

BODY AND SELF: A LOOK ON FEMALE BODYBUILDERS

ABSTRACT

The study sought to investigate the relationship between body modification and the process of identity construction in female bodybuilders in Brasilia / DF. For that were interviewed seven women who adhere to intense weight training and diet restricted, six of them athletes and a non-athlete. The results, presented and discussed in the form of articulated categories reveal: 1) the ways how they operate with the severe restrictions (dietary and muscle training) to reach the desired body, 2) there are similarities and differences between bodybuilders (athletes) and veteran (non-athlete) in respect of the formation of their identity.

KEYWORDS: Body; bodybuilding; woman identity.

CUERPO Y SUBJETIVIDAD: UNA MIRADA SOBRE MUJERES

PRACTICANTES DE CULTURISMO

RESUMEN

El estudio buscó investigar la relación entre la modificación del cuerpo y el proceso de construcción de la identidad en los practicantes de culturismo femenino en Brasilia / DF. Se entrevistó a siete mujeres que se adhieren al entrenamiento intenso del peso y la dieta restringida, seis de ellas atletas y sólo no un atleta. Los resultados, presentados y discutidos en la forma de coordinar las categorías revelan: 1) las formas en que los encuestados operan con las severas restricciones (la dieta y el entrenamiento muscular) a la que son sometidos en busca del cuerpo deseado, 2) que existen similitudes y diferencias entre los culturistas (atletas) y veteranos (no-atleta) con respecto a la formación de sus identidades.

PALABRAS CLAVE: Cuerpo; culturismo; la identidad femenina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSANI, J. J.; VAZ, A. F. Educação do corpo e auto-reflexão crítica: uma investigação na dimensão pedagógica da obra de Theodor W. Adorno. In: *Congresso Brasileiro De Ciências Do Esporte*, 13., 2003, Caxambú. *Anais...* Campinas: CBCE, 2003. p. 1-7.

CARVALHO, C. M. A.; ORSANO, E. F. Perfil dos consumidores de suplementos alimentares praticantes de musculação em academias de Teresina. In: *III Encontro de Pesquisa em Educação Física e Áreas Afins*, 3, 2006, Teresina. *Anais...* Teresina: UFPI, 2006.

COSTA, J. F. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HANSEN, R; VAZ, A, F. Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 26, n.1, p 135-152, set 2004.

JAEGER, A. A. *Mulheres atletas da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo*. 2009. 240f. Tese (Doutorado) – Escola de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

JAEGER, A. A.; GOELLNER, S. V. O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 19, p. 955-975, dez. 2011.

MAFFESOLI, M. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MALYSSE, S. *Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca*. In: GOLDENBERG, M. *Nu e Vestido: Dez Antropólogos Revelam a Cultura do Corpo Carioca*, Rio de Janeiro: Editora Record, 2002, p. 79-138.

ORTEGA, F. Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades. *Cad. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 59-77, jan./jun. 2003.

_____. *O corpo incerto*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

SABINO, C. *O peso da forma: cotidiano e uso de drogas entre fisiculturistas*. 2004. 342f. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

VAZ, A. F. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. *Cad. CEDES*, Campinas, ano XIX, n. 48 ,p. 89-108, ago. 1999.

WACQUANT, L. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.